

Maria do Céu Caetano

Abstract:

The objectives of this contribution are to comment on the concept of 'historical grammar' in Manuel Said Ali ([1931] 1964³), commenting also the structure of his *Gramática Histórica da Língua Portuguesa* (GHLP) and the theoretical principles supported by the author.

Firstly, I will try to underline the theoretical, methodological and terminological innovations of this grammar, which is very different from others of the same type published in the same period. Then, I will give special emphasis to Word-Formation component, particularly the descriptions of the suffixes and the internal structure of complex suffixed words, drawing attention to the modernity and actuality of a grammar that has served as a reference to quite a lot of works, in particular those that assume a diachronic perspective.

1. Conceito de 'gramática histórica'

Como se sabe, as gramáticas históricas do português em que é tratada a Formação de Palavras são bastante diferentes no que diz respeito à sua amplitude e extensão (cf., por exemplo, Caetano 2003, cap. 1), situando-se o período de publicação destas gramáticas entre os fins do século XIX e a primeira metade do século XX, mais concretamente, entre 1876 (cf. *Grammatica Portugueza Elementar*, Teophilo Braga) e 1946 (cf. *Lições de Filologia Portuguesa*, Carolina Michaëlis Vasconcellos), à exceção de *História e Estrutura da Língua Portuguesa*, de Joaquim Mattoso Câmara Jr., publicada em 1975. Daí que em Martins (1996: 56) estas gramáticas sejam agrupadas em dois conjuntos: um em que se incluem «obras de maior fôlego e ambição[;] elaboradas visando a comunidade científica» e outro onde «constam as gramáticas a que poderemos chamar 'didáticas', isto é, as que destinadas a estudantes do ensino liceal, foram, em geral, elaboradas de acordo com os programas que aí vigoravam».

Discorrendo longamente sobre o conceito de 'gramática histórica', Malkiel ([1960] 1968: 72-73) considera que:

- a análise diacrónica incide sobre dados estritamente linguísticos (excluindo a descrição de factos históricos);
- a descrição dos dados deve estar criteriosamente organizada, obedecendo a uma estrutura bem definida;
- a gramática histórica é sempre comparativa (enquanto uma gramática comparativa pode ou não ser histórica);
- a comparação é feita de forma sistemática entre dois estádios, razoavelmente distantes, de uma mesma língua (na grande maioria das gramáticas históricas das línguas românicas, a comparação consiste na confrontação entre o latim e o estado atual de uma língua); não é o número de disciplinas contempladas por cada um dos autores que, só por si, serve de indicador da maior ou menor relevância de uma gramática histórica, mas antes o tipo de análise (ampla e profunda) que é efetuado.

Atendendo aos princípios que estiveram na base da definição aduzida por Malkiel ([1960] 1968), i.e., análise diacrónica de dados linguísticos, estruturação coerente dos assuntos e primazia dos aspectos formais, é, pois, este o concei-

to de 'gramática histórica' que retenho neste pequeno comentário à *GHLP*.

2. Estrutura da *GHLP*

A primeira edição da *GHLP* fez-se em dois volumes e em datas diferentes, nomeadamente a *Lexeologia do Português Histórico*, dividida em "Os sons e sua representação" e "Os vocábulos" (1921) e a *Formação de Palavras e Sintaxe do Português Histórico*, constituída por "Formação de Palavras", "Sintaxe" e "Apêndices" ("I - História resumida da Língua Portuguesa", "II - Alterações fonéticas do latim vulgar"), de 1923. Numa segunda edição, estas duas obras foram reunidas no volume intitulado *Gramática Histórica*, com data de 1931. A *GHLP* é pois uma gramática que apresenta uma estrutura dupla: na "1ª Parte - Estudo dos sons e Lexeologia" são descritos vários aspetos fonético-fonológicos e flexionais, enquanto na "2ª Parte - Formação de palavras e Sintaxe do Português Histórico" se procede ao estudo da "Derivação em geral" (derivação sufixal, prefixal, parassintética, regressiva) e da "Composição". Com quase cem páginas, a Sintaxe (pp. 265-361) ocupa a parte final da obra.

Como se pode observar pela estrutura apresentada, nesta obra são de realçar dois aspetos:

- i) designa-se por Formação de Palavras a área que estuda a derivação e a composição;
- ii) não se inclui a prefixação dentro da composição (procedimento comum em muitas gramáticas da época);

Além disso, como é referido no "Prologo da Lexeologia" (p. iii), no estudo comparado do «desenvolvimento de um idioma como o português desde a remota phase dos primeiros documentos, escriptos até aos nossos dias», o gramático foi «directamente ás fontes buscar a solução dos problemas», estudo esse

que «veio revelando ... factos linguísticos cuja existencia a principio nem suspeitava».

Contrariamente a outros gramáticos seus contemporâneos, Said Ali ([1931] 1964³: vi) «sem desprezar a evolução do latim para o português, estudava particularmente as alterações do idioma nas diversas phases do português historico, isto é, no largo periodo decorrido desde o tempo que se conhece o português como língua formada e usada em documentos»¹.

3. A Formação de Palavras na *GHLP*

Dentro da Formação de Palavras, como indicarei em seguida, embora de modo bastante abreviado, Said Ali ([1931] 1964³) faz uma descrição exaustiva da estrutura interna das palavras complexas, dos elementos afixais e dos mecanismos de formação de palavras.

3.1 Prefixação

Neste processo de formação de palavras, destaco o facto de para o gramático, os prefixos, tal como os sufixos, serem "elementos formativos" que só podem ocorrer junto de uma base (pág. 229), embora uns e outros se tenham originado em vocábulos que outrora tinham autonomia. Ou seja, mais uma vez ao arripio da corrente dominante, para Said Ali ([1931] 1964³), os prefixos são sempre formas presas, não podendo nunca funcionar como elementos

¹ Por esta razão, Martins (1996: 63) declara que, apesar de «realizada em plena época neogramática, a gramática histórica de Said Ali destaca-se por não se enquadrar em tal modelo», o que faz com que, alicerçando-se em Malkiel (1960), a apelide de "modernista".

independentes, razão que sustenta a não inclusão da prefixação dentro da composição, como vimos anteriormente.

3.2 Sufixação

Neste subponto, o meu comentário vai para a definição de sufixo do gramático, isto é, segundo Said Ali ([1931] 1964³: 229), os sufixos são «elementos formativos» que ocorrem «no fim do vocábulo derivante (geralmente com a supressão prévia da terminação dêste)», o qual adquire «sentido nôvo, referido contudo ao significado da palavra primitiva (...) e o processo de formação toma o nome particular de derivação sufixal». Assim, para que seja considerado sufixo não basta a determinado elemento ocupar a posição mais à direita ao nível da estrutura da palavra, sendo condição necessária que o mesmo tenha servido para formar novas palavras. Depreende-se igualmente que a base selecionada pelo sufixo é não uma palavra, mas sim um radical ou tema.

Embora diga que (cf. Said Ali [1931] 1964³: 231) «Parece cousa extremamente fácil distinguir palavras derivadas de palavras primitivas quando se trata de exemplos como *pedreiro*, *pedraria*, *pedregulho* ou *fechamento*, *laranjal*, *bananeira*, que não requerem especial cultivo da inteligência para alguém saber que se filiam respectivamente a *pedra*, *fechar*, *laranja*, *banana*», logo a seguir adianta que, no entanto, são vários os casos em que a relação entre derivado e derivante «transparece menos lúcida», sendo necessário um estudo aprofundado para se perceber a filiação. Outras vezes, ainda, segundo o gramático, «tem havido tal evolução de forma e sentido, que surge um curioso conflito entre o sentimento geral do vulgo e o fato encarado à luz da pesquisa científica». Para ilustrar este último aspeto, o

autor fornece o exemplo de *esquecer*, que para «o comum dos homens que falam português» é considerado como tendo dado origem a *esquecimento*, *esquecedor* e *esquecediço*, verbo que para o linguista, «é alteração de *escaecer* e palavra derivada, em última análise, de *caer*, forma antiga de *cair*». Mas, como muito prontamente realça, esta análise «erudita» não pode ser levada ao exagero porque numa palavra «sentida» como derivada tem de haver uma relação estável entre forma e significado. Por isso, conclui dizendo que «a fórmula mais razoável para explicar *esquecer*, *receber*, *vingar*, *julgar*, *resistir*, etc., seria declarar que são antigos verbos derivados que passaram a funcionar como verbos primitivos.», ou seja, como palavras simples.

3.3 Parassíntese:

Devemos a Said Ali ([1931] 1964³) uma das conceções tradicionais de parassíntese que continua a ser relativamente consensual, isto é, de que se trata de um processo de formação de verbos a partir de nomes e adjetivos, recorrendo à «adjunção simultânea de prefixo e sufixo a uma base», havendo que distinguir, segundo o autor, os dois tipos de «partículas» (prefixo ou preposição)² que antecedem os nomes e os adjetivos. Nesta conceção de parassíntese, assume-se, portanto, que a base prefixal ou a base sufixal não têm existência autónoma, possuindo os parassintéticos uma estrutura ternária³.

² De acordo com o gramático, *em-*, em por exemplo *embarcar*, será prefixo, enquanto *a-*, em parassintéticos do tipo de *apodrecer* será uma preposição.

³ Sobre esta questão, cf. Caetano (2016).

3.4 Composição:

Na definição de composto de Said Ali ([1931] 1964³: 259), observamos que o autor recorre ao critério de coesão semântica, considerando que o composto representa «uma idéia simples», porém diferenciada «do sentido primitivo dos elementos componentes».

Na sua opinião, antes de se «fundirem semanticamente», houve «um período de existência bastante longo em que [muitas das atuais palavras compostas] não se distinguiam de outros grupos sintáticos». Deste modo, infere-se que, além do critério de coesão semântica, é preciso ter em conta o critério de coesão sintática e a frequência de uso por parte dos falantes para definirmos um composto.

Dentro das combinatórias possíveis ao nível da estrutura interna dos compostos, encontramos na *GHLP* as seguintes: Substantivo + Substantivo, Substantivo + Preposição + Substantivo, Substantivo + Adjetivo, Adjetivo + Adjetivo, Pronome + Substantivo, Numeral + Substantivo, Verbo + Substantivo, Verbo + Verbo e Combinações com os Advérbios *Mal* e *Bem*.

***GHLP*: comentário final**

Partindo da definição fornecida por Malkiel ([1960] 1968), verifica-se que, de entre as gramáticas históricas do português, a *GHLP* de Said Ali ([1931] 1964³) é talvez aquela que melhor se encaixa no arquétipo preconizado. Além disso, tal como pudemos observar, trata-se de uma obra com vários aspetos diferenciadores relativamente a outros trabalhos contemporâneos da mesma natureza. Assim, resta-me concluir que qualquer estudo sobre formação de pa-

lavras em português deve(rá) recorrer à obra de Ali ([1931] 1964³), de que aqui apresentei alguns dos aspetos principais.

Referências

- Braga, T. 1876. *Grammatica Portugueza Elementar* (Fundada sobre o methodo historico-comparativo). Porto: Livraria Portugueza e Estrangeira
- Caetano, M. C. 2003. *A Formação de Palavras em Gramáticas Históricas do Português. Análise de algumas correlações sufixais*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade Nova de Lisboa
- Caetano, M. C. 2016. Representação da estrutura interna das palavras complexas parassintéticas. In Brocardo, Maria Teresa (org.) *Representação. Cadernos do 15º Workshop em Gramática & Texto*. Lisboa: CLUNL, pp. 29-32
- Câmara Jr., J. M. 1975. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão
- Malkiel, Y. 1960. A Tentative Typology of Romance Historical Grammars. In *Essays in Linguistic Themes*. Oxford: Blackwell, pp. 71-164 (também em *Lingua* IX-4, 1968)
- Martins, A. M. 1996. Gramáticas Históricas do Português. I. Duarte & M. Miguel (orgs.). *Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, vol. 3: *Gramática e Varia*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, pp. 53-71
- Said Ali, M. ([1931] 1964³) *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Edições Melhoramentos
- Vasconcellos, C. M. 1946. *Lições de Filologia Portuguesa - segundo as preleções feitas aos cursos de 1911-1912 e de 1912-1913 (Seguidas das Lições Práticas de Português Arcaico)*. Lisboa: Edição da Revista de Portugal / Dinalivro